

# CENÁRIO ETNOLINGUÍSTICO: AS LÍNGUAS NATIVAS REMANESCENTES NOS MUNICÍPIOS DE ATALAIA DO NORTE E TABATINGA NA MICRORREGIÃO DO ALTO-SOLIMÕES AM/BRASIL

## ETHNOLINGUISTIC SCENARIO: THE REMAINING NATIVE LANGUAGES IN THE MUNICIPALITIES OF ATALAIA DO NORTE AND TABATINGA IN THE MICROREGION OF ALTO-SOLIMÕES, AM/BRAZIL

Edinelza Macedo Ribeiro<sup>1</sup>

Júnia Caroline Santos Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** A microrregião do Alto Solimões, localizada na faixa ocidental do estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, caracteriza-se por uma expressiva diversidade étnica e linguística, consolidada ao longo dos séculos de ocupação indígena. O presente estudo buscou identificar, por meio da construção de cenários, o futuro das línguas nativas remanescentes na microrregião do Alto Solimões, com ênfase nos municípios de Atalaia do Norte e Tabatinga/AM. A proposta parte do reconhecimento da diversidade etnolinguística presente na região e da necessidade de compreender os possíveis desdobramentos dessa diversidade diante das transformações sociais, culturais, políticas e educacionais em curso. Uma descoberta importante foi a existência de onze línguas nativas que ainda remanescem nos municípios de Atalaia do Norte e de Tabatinga. Constatou-se ainda que, todas as línguas nativas evidenciadas em ambos os municípios, estão ativas. Em relação ao ingresso da população indígena no ensino superior, o município de Atalaia do Norte tem acesso de estudantes indígenas reduzidos por condições geográficas e isolamento territorial. Já em Tabatinga, evidenciou-se um potencial de acesso de indígenas às universidades, devido à urbanização e maior

---

1 Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, membro do Colegiado do Curso de Letras da Universidade do Amazonas/CESP-UEA

2 Acadêmica do Curso de Geografia da Universidade do Amazonas- CESP-UEA

presença de universidades.

**Palavras chaves:** Etnolinguística. Metodologia de cenários. Línguas Nativas

**Abstract:** The Alto Solimões microregion, located in the western part of the state of Amazonas, on the triple border between Brazil, Peru, and Colombia, is characterized by significant ethnic and linguistic diversity, consolidated over centuries of indigenous occupation. This study sought to identify, through scenario building, the future of the remaining native languages in the Alto Solimões microregion, with emphasis on the municipalities of Atalaia do Norte and Tabatinga/AM. The proposal stems from the recognition of the ethnolinguistic diversity present in the region and the need to understand the possible unfolding of this diversity in the face of ongoing social, cultural, political, and educational transformations. An important finding was the existence of eleven native languages that still remain in the municipalities of Atalaia do Norte and Tabatinga. It was also found that all the native languages evidenced in both municipalities are active. Regarding the entry of the indigenous population into higher education, the municipality of Atalaia do Norte has reduced access for indigenous students due to geographical conditions and territorial isolation. In Tabatinga, the potential for indigenous people to access universities became evident, due to urbanization and a greater presence of universities.

**Keywords:** Ethnolinguistics. Scenario methodology. Native languages

## INTRODUÇÃO

A temática da etnolinguística apresenta-se neste estudo, como um suporte teórico de fundamental importância para entender a conexão existente entre língua, cultura e sociedade no contexto amazônico. Em uma breve retrospectiva histórica, constatou-se no século XV a ocorrência da expansão colonial europeia, a qual trouxe mudanças de ciclos proporcionando aos poucos, a extinção

das línguas ao redor do mundo. Mas afinal, o que se perde quando as línguas desaparecem? Se perde a identidade social e cultural de indivíduos e grupos, que possuem valores emocionas e artísticos.

Diante do exposto, não se pode ignorar os impactos gerados na Amazônia diante do processo de exploração colonial. Foi um processo essencialmente espoliativo que segundo Rodrigues (1993) causou a extinção da maioria das etnias e das línguas indígenas. Se no início desse processo estimava-se cerca de 700 línguas e, naturalmente, outras tantas etnias na Amazônia brasileira, hoje calcula-se não mais que 140 línguas, ou seja, apenas 20%. As consequências estão no desaparecimento, em 400 anos, de mais de 500 povos diferenciados não só por suas línguas, mas certamente também por suas culturas. As preocupações em saber se muitas dessas culturas e dessas línguas devem ter tido muito em comum entre si, pouco importa. No entanto, a dizimação foi tão catastrófica, “que é impossível imaginar o que desapareceu para sempre e se perdeu definitivamente para o conhecimento da humanidade, no fundo, o que se perdeu de humanidade” (Rodrigues, 1993, p.6).

A ideia de realizar a presente pesquisa surgiu em decorrência dos debates realizados no Grupo de Pesquisa Rede de Estudos do Território e Sustentabilidade Amazônica (REDESAM)/CESP-UEA), diante da emergência da sistematização e criação de recursos didático-pedagógicos que pudessem servir de suporte às aulas de Linguística do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado Amazonas/CESP-UEA. Tais reivindicações foram levantadas visando a compreensão e aproximação das abordagens teóricas discutidas em sala com a realidade dos acadêmicos indígenas que buscam qualificação na referida instituição.

Sob essa lógica, a relevância dos pressupostos sobre os estudos da etnolinguística, em Lyons (1987), corresponde com a presente pesquisa, por ser entendida como o estudo da linguagem com relação à cultura. Nesse sentido, o presente estudo buscou identificar, por meio da construção de cenários, o futuro das línguas nativas remanescentes na microrregião do Alto Solimões, com ênfase nos municípios de Atalaia do Norte e Tabatinga/AM. Os principais eixos específicos de investigação foram os seguintes: apresentar uma análise da retrospectiva histórica e da situação atual das línguas nativas nos municípios pesquisados, apresentar dados estatísticos da população indígena que frequenta

as instituições de ensino superior e registrar e mapear as línguas nativas e suas respectivas etnias na área de estudo.

É importante esclarecer que esta pesquisa adotou a proposta metodológica de cenários. A ideia de conceber a metodologia por cenários está subsidiada no modelo sistêmico aberto e de uma Teoria Geral de Sistemas e entende-se “cenário” como narrativa do futuro que expõe diversos caminhos possíveis com o intuito de chegar em diferentes estados futuros (Godet, 2000). Nesse contexto de análise, “cenário” apresenta-se como uma ferramenta metodológica sustentável para diagnosticar as línguas nativas remanescentes na atualidade, refletir sobre o seu futuro e identificar as políticas públicas linguísticas educacionais no ensino superior consistentes, no sentido da sustentabilidade, a médio e longo prazo. Assim, “entender as coisas sistematicamente significa, literalmente, colocá-las dentro de um contexto e estabelecer a natureza de suas relações” (Capra, 2002, p. 39).

No bojo dessas discussões surge o termo “sustentabilidade”, o qual provém do âmbito da biologia e da ecologia, cuja lógica é circular e incluyente. Para Sachs (2006), é uma tendência que reflete diretamente aos ecossistemas visando equilíbrio dinâmico, à cooperação e à coevolução. E esse ciclo responde pela interdependência de todos com todos, garantindo a inclusão de cada um, até dos mais fracos. Nesse sentido, é indiscutivelmente essencial aplicar os estudos sobre o tema em todas as áreas das atividades humanas, pois, significa uma verdadeira interação entre o ser humano e o meio ambiente (Sachs, 2006).

Além disso, é crucial partir do sistema educacional um olhar de inclusão e respeito à cultura indígena, tendo em vista a valoração linguística e cultural de muitos jovens indígenas que ingressam na escola pública (Tavares; Ribeiro, 2019). E o Parâmetro Curricular Nacional – (PCNs) da Educação Escolar Indígena apresenta em seu texto como um dos princípios norteadores do ensino nacional escolar o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. O artigo 78, ilustra que a educação para os povos indígenas deve ser “intercultural e bilingue para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias, valorização de suas línguas e ciência, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimento valorizados pela sociedade nacional” (PCNs, 2000, p.6).

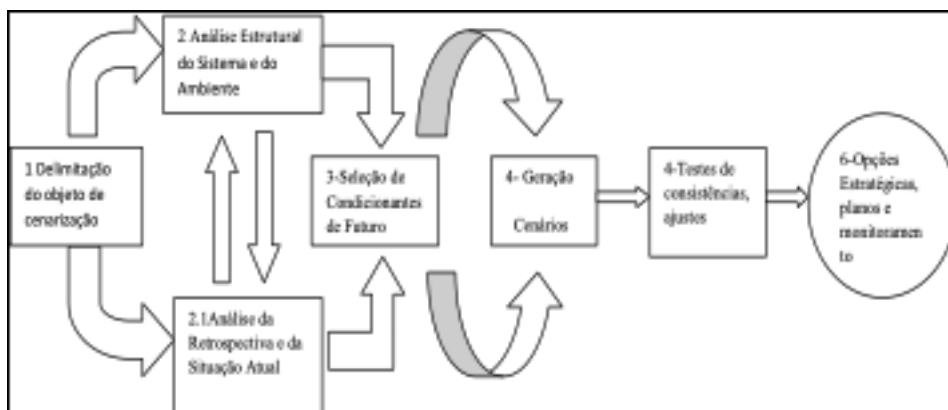
A área de abrangência da pesquisa foi a microrregião do Alto-Solimões/AM. Do total de 09 (nove) municípios onde vivem aproximadamente 85 mil indígenas, foram selecionados para a realização desta pesquisa, 02 (dois) municípios, a saber: Tabatinga e Atalaia do Norte. Reconhecer oficialmente uma língua implica, sobretudo, no reconhecimento do Estado e sua existência. Além disso, garantir o uso dessas línguas em um espaço urbano de forma institucionalizada pode constituir política linguística educacional decisiva nas instituições educacionais no ensino superior; o que seria relevante para as populações nativas, nas cidades ou em seus territórios, interessadas em manter suas línguas. O estudo sobre “Cenário e etnolinguística no Amazonas” é importante não só pelo grande número de línguas e, conseqüentemente, de etnias, mas também devido à singularidade cultural da região em estudo. Diante do exposto, a presente pesquisa volta-se para investigar o seguinte problema: quais tendências poderão definir o futuro das línguas nativas remanescentes na microrregião do Alto-Solimões/AM, a partir das percepções dos atores sociais envolvidos direta e indiretamente no segmento educacional desses povos?

Enfim, os esforços demandados neste estudo soam como desafios na tentativa de contribuir para o debate com relação a preservação das línguas nativas e a inclusão de políticas públicas linguísticas consistentes nas instituições educacionais de nível superior, pois há urgência de documentar as línguas que estão mais imediatamente ameaçadas de desaparecimento. No entanto, é essencial também, que se promovam ações adequadas no contexto universitário, principalmente no Amazonas, para que possamos assegurar a sobrevivência das demais línguas e a adaptação das respectivas culturas às novas situações, sem que isso implique em pura desvalorização e eliminação dos conhecimentos de toda ordem adquiridos e consolidados ao longo de séculos. Por meio da estratégia do estabelecimento de cenário poderemos junto aos atores sociais proporcionar iniciativas projetadas na visão mais global do sistema educacional e criar alternativas de superação de políticas excludentes com a educação dos povos indígenas do Amazonas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O método empregado neste estudo foi a técnica prospectiva de Godet (2000), (Figura 1). Este modelo apresentou-se como instrumento para diagnosticar o futuro das línguas nativas com a construção de cenários no sentido da sustentabilidade. Nesse processo, os cenários concorrem a partir da combinação de hipóteses sobre o comportamento dos principais eventos e constituem um jogo coerente de acontecimentos singulares.

Figura 1: Quadro metodológico da construção de cenários.



Fonte: Godet (2000).

E nesse processo analítico-metodológico de cenários, Buarque (2003) enfatiza a importância de o método propiciar tanto a abordagem no enfoque indutivo, como no dedutivo. Como forma de operacionalizar as etapas do método selecionado, que no total são 6 (seis), a presente pesquisa utilizou apenas as etapas iniciais dos jogos de combinações descritas nos itens (1, 2, e 2.1), da (Figura 1).

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, foram priorizados o método observacional e estudo de caso. A pesquisa fez um levantamento de dados secundários por meio de investigação bibliográfica, priorizando-se as referências de trabalhos que abordam a temática, a exemplo disso, “O futuro do Ecoturismo: cenários para 2025” (Ribeiro; Nascimento, 2016), publicado pela editora Appris.

Este estudo, viabilizou o reconhecimento que os povos amazônicos têm condições de organizar o seu próprio território, rumo à sustentabilidade. Nesse viés, foi publicado um artigo na Revista Ecos (2022) resultado do apoio do Programa à Iniciação Científica do Amazonas (PAIC-AM) com a temática “Sustentabilidade etnolinguística: as línguas nativas remanescentes no Baixo Amazonas numa perspectiva interdisciplinar”, o estudo se propôs a descrever as características linguísticas, identificar os troncos linguísticos e fazer a cartografia das línguas nativas remanescentes nas respectivas áreas selecionadas para o estudo (Ribeiro, Ferreira, 2022).

Em síntese, é importante reconhecer as vantagens desse tipo de metodologia quanto a oportunidade dada ao se pesquisar em relação “ao entendimento dos fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situar sua interpretação de tais fenômenos” (Carvalho, 2007, p. 13).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **DIVERSIDADE ETNOLINGUÍSTICA EM ATALAIA DO NORTE/AM**

O presente item versa sobre as características da diversidade etnolinguística dos municípios de Atalaia do Norte e Tabatinga e a estimativa dos alunos indígenas matriculados no ensino superior nos respectivos municípios.

O município de Atalaia do Norte, no Amazonas, é habitado por vários povos indígenas, falantes das seguintes línguas nativas, Marubo, Mayuruna, Matis, Kanamari, Kulina e Korubo. Na sequência, apresenta-se as características das etnias indígenas com as respectivas famílias linguísticas.

A aldeia São Joaquim é habitada pelos Marubos e está localizada na terra indígena Vale do Javari e são falantes do Marubo, pertencente à família linguística Pano. Com relação ao povo Mayuruna tem como base linguística à família linguística Panoana e existem vários dialetos da língua Mayuruna incluindo Mayuruna do Peru e do Brasil.

O grupo indígena Matis fala a língua da família linguística Pano e todo grupo se reconhece

como mushabo (“gente tatuada”) ou wanibo (“gente da pupunha”). Isso decorre pelo fato de possuírem tatuagens no rosto feito com espinho da palmeira da pupunha representando a marca do grupo,

Os Kanamari falam uma língua da família linguística Katukina. Existem algumas variações entre os dialetos dos diferentes subgrupos. Os Kanamari se autodenomina de Tukuna, termo que significa “gente” estendendo o termo a todos os povos da família linguística Katukina,

Os Kulina são pertencentes à família linguística Arawá e, até a chegada dos brancos, foram um dos grupos mais numerosos no estado do Acre e sul do Amazonas.

A língua Korubo junto às línguas Matis, Matsés e Kulina – Pano, pertence ao ramo setentrional, “grupo do Norte”, da família linguística Pano. Os povos Pano, uma das principais famílias linguísticas da Amazônia, caracterizam-se pela uniformidade territorial, cultural e linguística, e valorizam a intercompreensão mútua, enfatizando as similaridades entre suas línguas.

Todos esses povos encontram-se dispersos no Vale do Javari que é uma reserva indígena localizada no município de Atalaia do Norte. O território é considerado como a de maior concentração conhecida de povos indígenas isolados no mundo no lado brasileiro.

De acordo com Rodrigues (2015) as línguas nativas vêm sofrendo ameaças de redução devido a extinção dos povos indígenas com perdas de territórios desde a época da colonização europeia e estendendo-se até os dias atuais.

## **DIVERSIDADE ETNOLINGUÍSTICA EM TABATINGA/AM**

Tabatinga é um município brasileiro localizado no estado do Amazonas na região da tríplice fronteira com a Colômbia e o Peru. A região é habitada por diversas comunidades indígenas que falam línguas pertencentes à diferentes famílias linguísticas.

Os povos indígenas que vivem em Tabatinga, no Amazonas são os seguintes: Ticuna, Kokama, Kambeba, Kaixana, Kanamari, Witoto, Katukina, Madja-Kulina, Mura, Makuna, entre outros. A seguir, serão ilustradas as características étnicas e as respectivas famílias linguísticas.

A língua nativa Ticuna é amplamente falada em uma área extensa, cujas comunidades se distribuem entre três (03) países, a saber: Brasil, Peru e Colômbia.

A língua Kokama foi classificada como parte da família Tupi-Guarani, tronco Tupi.

A língua nativa Kambeba no Brasil, ainda é um importante vocabulário pertencente à família Tupi-Guarani. Os mais velhos da aldeia utilizam um vocabulário chamado Cambeba.

A língua nativa de Kaixana pertence a família Aruák, mas utilizam também a base Tupi-Guarani.

Os Kanamari, falam uma língua da família linguística Katukina. Já a língua nativa dos Witoto encontra-se divididas em três grupos linguísticos: Witoto Minica, Witoto Nipode ou Murui.

A língua Katukina pertence a família linguística Pano. A nasalização é uma de suas fortes características. A Kulina pertence à família linguística Arawa. O grupo Mura reafirma o Nheengatu como língua indígena. E os povos Makuna adotaram o Tukano como a língua mais usada entre eles.

Mesmo com a diversidade de línguas nativas na região Amazônica, os povos ainda enfrentam dificuldades em sua existência.

Diante disso, para Simas:

Atualmente a perda linguística ocorre pela crescente escolarização somente em português. Apesar de a Carta Magna do Brasil garantir o ensino das línguas indígenas e seus processos próprios de ensino-aprendizagem, este direito é restrito às escolas das aldeias, localizadas em terras indígenas (TI). Logo, os indígenas que migram para as urbes têm somente o ensino escolar via língua portuguesa, o que levam os nativos a irem paulatinamente substituindo sua língua indígena pela língua dominante e, na maioria das vezes, neste contexto urbano, só há transmissão da língua portuguesa a novas gerações (SIMAS, 2023, p. 03).

Assim, é preciso haver uma organização no ensino das línguas nativas, para manter as tradições e a cultura dos povos indígenas, reforçando ainda mais para futuras gerações a importância das línguas na atualidade.

Para Ferreira e Ribeiro (2020), cada língua possui consigo uma visão de mundo diferente,

então quando se busca estudar diferentes línguas, conseqüentemente, descobre -se uma série de diferenças não só na escrita e pronúncia, mas também na visão geral de cada etnia.

## ESTIMATIVA DOS POVOS INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR

A partir da análise retrospectiva histórica e atual do objeto de estudo, no município de Atalaia do Norte foram apontadas seis etnias e quatro famílias linguísticas. Já no município de Tabatinga foram detectadas a existência de cinco etnias e duas famílias linguísticas, ressaltando que todas essas línguas ainda estão ativas nos municípios investigados.

Em relação aos dados estatísticos IBGE (2022) da população indígena que frequenta instituições de ensino superior em ambos os municípios, constatou-se os seguintes dados ( Tabela 1).

Tabela 1: Estimativa de alunos indígenas matriculados no ensino superior em Atalaia do Norte/AM

<b>Atalaia do Norte - AM</b>	<b>TOTAL</b>	<b>793</b>	<b>68</b>
	HOMENS	509	36
	MULHERES	283	32

Fonte: IBGE 2022.

Tabela 2: Estimativa de alunos indígenas matriculados no ensino superior em Tabatinga/AM

<b>Tabatinga - AM</b>	<b>TOTAL</b>	<b>2131</b>	<b>528</b>
	HOMENS	996	279
	MULHERES	1135	249

Fonte: Censo IBGE 2022.

Ao longo dos últimos 20 anos, a presença indígena nas universidades brasileiras cresceu,

especialmente após a aprovação da Lei de Cotas, que garantiu o ingresso de milhares de estudantes indígenas em instituições federais, estaduais e privadas. No entanto, o caminho para a efetivação da permanência ainda apresenta desafios. Entre as principais dificuldades estão a falta de acolhimento adequado e o respeito às culturas e saberes indígenas no ambiente acadêmico.

Com isso, para Amado:

Desta forma, mais uma vez vemos o movimento indígena mobilizado em prol da conquista de espaços no ensino superior que se deu justamente a partir dos relevantes avanços do ensino básico. Por outro lado, essa multiplicidade de visões e identidades de cada povo revela flexões muito importantes no sentido de se abordar à melhor forma de implantar as políticas públicas. (Amado, 2011, p 04).

A presença de indígenas nas universidades é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, isso garante que suas vozes e perspectivas sejam ouvidas e respeitadas.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

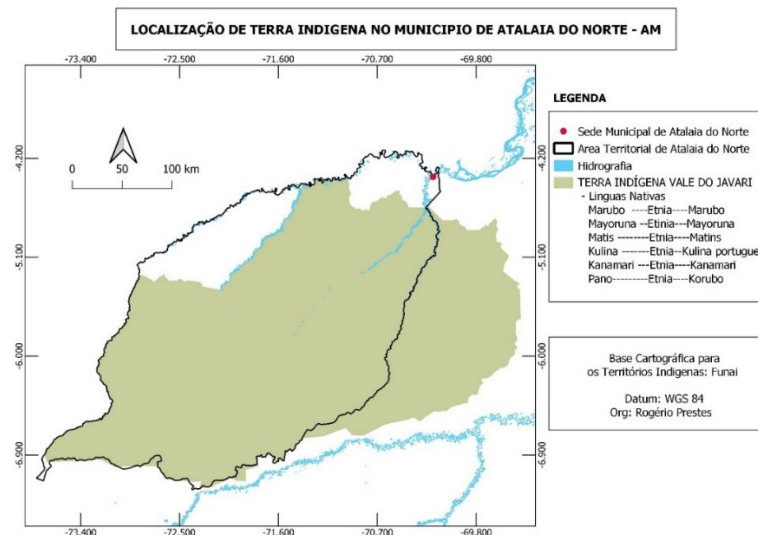
O Amazonas é uma região que apresenta uma grande diversidade cultural e é habitada por uma grande quantidade de povos indígenas, os quais tem uma profunda conexão com a natureza e dependem do meio ambiente para sua sobrevivência. No entanto, eles enfrentam muitos desafios, incluindo a perda de território, a exploração de recursos naturais e a violência.

Entre os principais resultados, destaca-se que as línguas indígenas que mantem políticas de valorização comunitária, inserção no currículo escolar e apoio institucional apresentam maior resiliência. Por outro lado, línguas que não contam com suporte educacional estruturado ou que enfrentam pressões socioeconômicos mais intensas estão em situação mais vulnerável. A comparação entre o passado e presente revela, portanto, a urgência de ações integradas para garantir a sustentabilidade linguística no Alto-Solimões, considerando as especificidades culturais, educacionais e territoriais de cada povo. A partir da análise retrospectiva histórica e atual do objeto de pesquisa,

no município de Atalaia do Norte foram apontadas seis línguas e quatro famílias linguísticas. Já no município de Tabatinga, foram detectadas a existência de cinco línguas e duas famílias linguísticas, ressaltando que todas essas línguas ainda estão ativas nos municípios investigados. Em relação ao ingresso da população indígena no ensino superior, pode-se afirmar que, no município de Atalaia do Norte existe uma menor procura pelos estudantes indígenas devido às condições geográficas e isolamento territorial. Em Tabatinga, constatou-se uma maior procura devido à urbanização e maior presença de universidades no município.

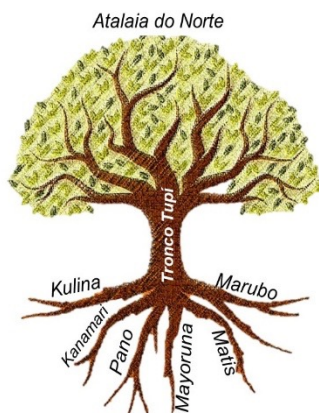
Para contribuir com a sustentabilidade linguística dos municípios, o estudo ilustrou mapas (Figuras 2 e 3), e sistematiza por meio de árvores, para simbolizar os respectivos troncos linguísticos das línguas remanescentes nesses municípios (Figuras, 4 e 5).

Figura 2: Localização de terras indígenas no município de Atalaia do Norte/AM



Fonte: PRESTES, 2025.

Figura 3: Troncos linguísticos do município de Atalaia do Norte/AM



Fonte: Prestes, 2025.

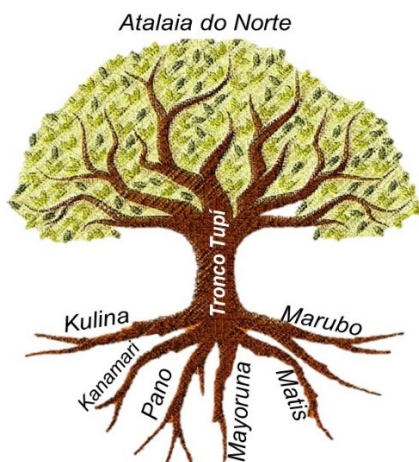
Na sequência, apresenta-se o mapa da localização das Terras Indígenas e as respectivas línguas nativas remanescente em Tabatinga/AM.

Figura 4: Localização de terras indígenas no município de Tabatinga/AM



Fonte: PRESTES, 2025.

Figura 5: Troncos linguísticos do município de Atalaia do Norte/AM



Fonte: PRESTES, 2025

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou identificar, por meio da construção de cenários, o futuro das línguas nativas remanescentes na microrregião do Alto Solimões, com ênfase nos municípios de Atalaia do Norte e Tabatinga/AM. Os resultados obtidos revelam dados importantes sobre a diversidade etnolinguística e os desafios enfrentados pelos povos indígenas dessa região, destacando a urgência de ações voltadas para a preservação e revitalização dessas línguas.

Dados importantes foram discutidos no estudo, como por exemplo, as línguas nativas que ainda são faladas nos municípios Tabatinga, entre eles, os Ticuna, Kokama, Kambeba, Kaixana, Kanamari, Witoto, Katukina, Madja-Kulina, Mura, Makuna, entre outros. E no município de Atalaia do Norte, Marubo, Mayuruna, Matis, Kanamari, Kulina e Korubo. E Um dos aspectos mais relevantes observados foi a relação entre a vitalidade das línguas e as políticas públicas locais. A fragilidade

das instituições públicas e a falta de iniciativas específicas para a promoção das línguas nativas têm contribuído para o enfraquecimento desses idiomas. Além disso, a migração para áreas urbanas e a influência de línguas majoritárias, como o português, têm impactado negativamente a transmissão intergeracional das línguas maternas.

Nessa linha de raciocínio ficou evidente que os problemas que passam esses povos, não se reduzem apenas nas dificuldades quanto ao resgate das línguas nativas, mas sobretudo em manter suas etnias e principalmente seus territórios. A invasão das terras indígenas são recorrentes. E conseqüentemente, envolve o etnocídio que pode resultar em desigualdade social e econômica para os indígenas ocorrendo assim, a perda da cultura, da língua e das tradições.

Enfim, esta pesquisa lança desafios para os pesquisadores interessados em documentar e registrar a cultura linguística dos povos localizados na microrregião do Alto-Solimões. Há necessidade urgente de documentar as línguas que estão mais imediatamente ameaçadas de desaparecimento. No entanto, é essencial também, que se promovam ações adequadas no contexto universitário, principalmente no Amazonas, para que possamos assegurar a sobrevivência das demais línguas e a adaptação das respectivas culturas às novas situações, sem que isso implique em pura desvalorização e eliminação dos conhecimentos de toda ordem adquiridos e consolidados ao longo de séculos.

## Referências

AMADO, Luiz Henrique Eloy; BROSTOLIN, Marta Regina. Educação Superior Indígena : Desafios e perspectivas a partir das experiências dos acadêmicos UCDB, 2011. Disponível em: <https://pt.scibd.com/document/76223810/EDUCACAO-SUPERIOR-INDIGENA-DESAFIOS-E-PERSPECTIVA-A-PARTIR-DAS-EXPERIENCIAS-DOS-ACADEMICOS-INDIENAS-DA-UCDB>

CHOMSKY, Noam. Current issues in Linguistic Theory, 1964. Disponível em, <https://terpconnect.umd.edu>

FERREIRA, D. L.; RIBEIRO, E. M. Diversidade etnolinguísticas: as línguas nativas no Baixo Amazonas numa perspectiva sustentável . 2020. Monografia (graduação), Universidade do Estado do

Amazonas-UEA/CESP. Parintins

RODRIGUES, Aryon Dall'lgna. Linguística: as línguas indígenas do Brasil. 2015. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-2015-linguistica>

SIMAS, Helena Cristina Picanço. As línguas indígenas do Brasil: Uma proposta de planejamento linguístico, 2023. Disponível em <https://edoc.ufam.edu.br/123456789/7325>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022.